

ARTIGO

História de vida de Daniel na cruzada antigênero: do bullying ao pesquisador comprometido

Marcus Santos de Sousa¹Tales Gandi Veloso de Andrade²¹ Universidade Estadual do Piauí, Teresina, Brasil. E-mail: marcus.disousa@gmail.com.² Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7173-1001>. E-mail: ta.talesveloso28@gmail.com.

Resumo: Este artigo apresenta a trajetória de vida de Daniel, um homem gay de 23 anos e pós-graduando, analisando o lugar da identidade em sua história no contexto das políticas antigênero. O objetivo central é investigar como essa trajetória individual se entrelaça com as tensões sociopolíticas e o pânico moral contemporâneo. A metodologia adotada consistiu na construção de uma História de Vida, por meio de entrevista biográfica, incluindo transcrição com auxílio de Inteligência Artificial, reconstituição sequencial dos eventos e análise temática orientada pela categoria “antigênero”, compreendida como uma ordem sociocultural. Os resultados evidenciam quatro momentos cruciais: o percurso escolar; a vivência universitária, analisada em dois momentos, configurando-se como um espaço de segurança para a afirmação identitária e o desenvolvimento de uma consciência crítica; e a influência materna, que articulou sua escolha pelas Ciências Sociais à militância política e educacional. As conclusões, fundamentadas na sociologia de Orlando Fals Borda, indicam que a trajetória de Daniel constitui um campo de tensões que o impulsionou a se tornar um pesquisador engajado e crítico. Suas escolhas, como a dedicação a estudos sobre gênero e raça, configuram-se como práticas políticas de resistência frente a processos de violência e desigualdade que atingem sujeitos marcados pela diferença. Assim, nosso trabalho evidencia a história de um jovem que construiu seu “lugar no mundo” em meio às complexas interações sociais da cruzada antigênero.

Palavras-chave: Ofensiva Antigênero. Educação. Identidade. LGBTQIAPN+. Biografia.

Historia de vida de Daniel en la cruzada antigénero: del bullying al investigador comprometido

Resumen: Este artículo presenta la crónica de vida de Daniel, un hombre gay de 23 años y estudiante de posgrado, analizando el lugar de la identidad en su historia frente al contexto de la política antigénero. El objetivo central es investigar cómo esta trayectoria individual se entrelaza con las tensiones sociopolíticas y el pánico moral contemporáneo. La metodología consistió en la realización de una Historia de Vida, técnica que permite explorar la subjetividad y las experiencias biográficas densas del sujeto. Se utilizó la entrevista biográfica, involucrando la transcripción por Inteligencia Artificial, la reconstitución secuencial de eventos y el análisis temático orientado por la categoría “antigénero” como orden sociocultural. Los resultados destacan cuatro fases cruciales: el recorrido escolar; la experiencia en la universidad — dividida en dos partes — que representó un espacio de seguridad para la afirmación de su identidad y formación crítica; y la influencia materna, que vinculó su elección académica por las Ciencias Sociales a la militancia política y educativa. Las conclusiones, fundamentadas en la sociología de Orlando Fals Borda, indican que la vida de Daniel es un campo de tensión que lo impulsó a convertirse en un investigador comprometido y subversivo. Sus elecciones, como la dedicación a la investigación sobre género y raza, se configuran como actos políticos y de subversión contra procesos de violencia y desigualdades de sujetos marcados por ser “diferentes”. Nuestro trabajo cuenta la historia de un hombre que construyó su “lugar en el mundo” en medio de las interconexiones sociales de la cruzada antigénero.

Palabras clave: Ofensiva Antigénero. Educación. Identidad. LGBTQIAPN+. Crónica.

1. Introdução

A história de vida que contaremos aqui é de Daniel, codinome dado a um homem de 23 anos, filho mais velho de um comerciante e de uma professora de sociologia da rede pública. Nascido na região norte do estado de Minas Gerais, em uma cidade de 13 mil habitantes. Ao ingressar no ensino superior, Daniel percorria, diariamente, cerca de 120 km para ir e voltar até a universidade mais próxima. Ele, atualmente, é discente no curso de pós-graduação em uma das melhores universidades públicas do Brasil.

Para alguma literatura científica, Daniel entra para a estatística dos nascidos vivos, um indivíduo com plenas capacidades físicas e intelectuais que irá compor o tecido social. Por circunstância do ano de seu nascimento, alguns até o considerarão com características identitárias homogêneas definidas pelas condições tecnológicas e econômicas – Daniel é um nativo digital da Geração Z. Quando totalmente reduzido à estatística, o desvio-padrão poderá apontá-lo como caso de sucesso das políticas públicas educacionais.

A trajetória de vida de Daniel aponta para o enfrentamento de desafios devido suas características identitárias que, ao tomar consciência dessa realidade, moldaram seu comportamento e interesses como sujeito. Daniel, um homem gay, vivenciou o *bullying* e o isolamento na escola, mas teve uma formação política progressista dentro de casa. Na graduação, vinculou-se a projetos de pesquisa sobre gênero e raça. Motivado por essas temáticas, ele ingressa na pós-graduação.

Daniel viveu aquilo que muitos de nós — homens gays — vivenciam no cotidiano: a violência por sermos quem somos. A história dele, embora tenha seus traços particulares, se entrelaça com outras histórias dos integrantes da comunidade LGBTQIAPN+.

É possível que a violência vivida por Daniel não tivesse acontecido se fosse heterossexual. Ao serem consideradas como “desviantes”, as sexualidades não-heterossexuais passam a ser alvo do movimento conservador transnacional chamado de “ofensiva antigênero” (Junqueira, 2018, p. 451). Trata-se de uma agenda política que visa anular qualquer tipo de avanço no entendimento teórico para a não promoção de ações voltadas ao gênero, sexo e sexualidade. No bojo do movimento, tem-se uma ideia de família natural orquestrada pela Igreja Católica (Rosado-Nunes, 2015).

A ofensiva antigênero tem como marco fundacional o período entre os anos de 1999 e 2004 (Corrêa, 2018), quase concomitante ao início da vida de Daniel. Cresceram, praticamente, juntos. É possível perceber, na história dele, esse entrelaçamento que, de certa forma, impeliu Daniel a dedicar-se ao estudo de temas estigmatizados. Ele tornou-se um pesquisador comprometido e “subversivo” (Fals Borda, 1971, p. 14).

Este trabalho tem como objetivo registrar a memória e a trajetória de vida de Daniel, bem como evidenciar o lugar da identidade em seu percurso, especialmente diante do contexto da política antigênero. Utilizamos, nesse estudo, a metodologia de História de Vida (Galindo Cáceres, 2011), que se direciona para a história particular de Daniel. Conduzimos uma entrevista biográfica, com suporte de um roteiro com questões abertas, que foi gravada e em seguida transcrita com apoio de inteligência artificial vinculada ao Google pela extensão “Colaboratory”. Com a entrevista em mãos, procedemos conforme orienta Santos (2021):

reconstituição sequencial dos acontecimentos; identificação dos atores interventores; e os argumentos. Nessa etapa da pesquisa, foi possível perceber alguns acontecimentos que agrupamos em blocos, como: Trajetória Escolar; Universidade e Identidade; Universidade e Compromisso; Vínculos Educacionais. Por fim, identificamos os argumentos de Daniel que se relacionavam com o nosso objetivo.

As categorias de análise foram retiradas da própria entrevista e se relacionam com as questões objetivas percebidas. No entanto, foi utilizada a categoria “antigênero” (Junqueira, 2018) como ordem sociocultural. Essa categoria orientou e alinhou as dimensões objetivas e subjetivas, bem como o contexto conjuntural e institucional de Daniel. Ressaltamos que, após a etapa de escrita desse trabalho, o enviamos para leitura de Daniel, que fez comentários e alguns esclarecimentos adicionais.

Como resultados desse trabalho, temos o registro de memória e história de um sujeito da comunidade LGBTQIAPN+. Nessa trajetória de vida, conseguimos perceber como a sexualidade de Daniel foi determinante para desencadear experiências de violência no âmbito escolar, interferindo em aspectos da sua personalidade. No entanto, a trajetória dele também nos mostra que aquelas experiências, após sua tomada de consciência de mundo, o direcionaram como pesquisador comprometido e subversivo.

Além desta introdução, o texto foi organizado em outras cinco partes. Na primeira sessão, apresentamos a Trajetória Escolar, período em que Daniel vivenciou experiências de *bullying*, até a consolidação de sua rede de amizades. Em seguida, abordamos sua trajetória universitária, dividida em duas partes: a primeira dedicada às questões relacionadas à identidade e a segunda à sua formação como pesquisador. Na seção posterior, discutimos aspectos de seu vínculo familiar. Por fim, apresentamos as considerações finais desta história de vida.

2. Trajetória Escolar: da rede de *Bullying* à rede de amizade

A trajetória de Daniel na educação básica perpassou três instituições escolares, sendo a primeira particular e as demais públicas. “A primeira escola que eu estudei, eu fiz só o fundamental, que é o prézinho [...] Aí, depois eu mudei para outra escola, onde eu fiz a educação básica [...] e depois eu fui para uma terceira escola que eu fiz do 6º até o ensino médio, o 3º ano [...]”. Embora a maior parte da vida escolar de Daniel tenha sido na segunda e terceira escola, todas elas foram marcantes na sua história.

A trajetória escolar tem início em 2007 e se estende até 2019. Ao longo desse período, identificamos momentos cruciais intrinsecamente relacionados ao avanço de um movimento reacionário que mobiliza a chamada “ideologia de gênero” como artefato central de uma retórica conservadora. Em tais contextos, foi possível perceber as implicações dessa ofensiva nas experiências de vida de Daniel, evidenciando como disputas discursivas no campo político e moral atravessam e impactam os percursos individuais.

Na primeira escola em que Daniel estudou, embora ainda fosse muito pequeno e por um curto período, ele guarda boas memórias, como nos conta com carinho: “Nossa, mas foi muito boa, né? Eu acho que tive experiências muito incríveis, tinha aula de inglês, tinha muita coisa. Eu fui muito feliz nessa escola”. Foi a primeira fase de socialização fora de casa. “Foi muito boa, gostei muito dessa escolinha. Eu tive muitas amizades, inclusive”. A inserção de Daniel na sociedade é então iniciada em um ambiente acolhedor e com relações sociais construtivas para o desenvolvimento de uma criança.

Com a necessidade de mudança da primeira escola, Daniel é inserido em um novo ambiente escolar. Nesse novo local, ele fica dos 7 anos aos 10 anos de idade. Foi nesse período que ele teve a percepção de sua diferença diante de outras crianças. “Eu mudei aí dessa outra (primeira) escola. O fundamental foi péssimo, foi horrível”. Foi com a mudança para a segunda escola que as experiências ruins de adaptação e dificuldade de fazer amizades marcaram o início da fase de exclusão. Nas memórias de Daniel, o motivo dessa percepção foi pelo julgamento dos outros alunos diante do seu modo de ser. “Eu acho que, principalmente, por conta da sexualidade, que já começou a ficar mais evidente. Então, eu não tinha muitos amigos, tinha dificuldade de fazer amigos. Eu era excluído. Não ia bem na escola”.

Daniel, ainda criança, passa a vivenciar situações discriminatórias devido às suas características identitárias. Nesse período, ele não tinha compreensão do motivo pelo qual sofria aquelas situações, como relata:

Eu acho que nenhuma criança tem essa percepção [...] só fui perceber que... (interrompe). A gente é apontado! Eu acho que quando a gente é criança, a gente não tem essa consciência que a gente é diferente. Sempre é o outro que aponta a gente como diferente [...] Para você, você é igual a qualquer um ou outro. Essa fase foi bem difícil”.

Foi nesse período que Daniel passou a perceber sua sexualidade como algo “diferente” (e negativo), o que resultou em apelidos pejorativos e em sua exclusão social.

Nessa fase escolar, Daniel precisou criar suas primeiras estratégias de sobrevivência motivadas pela discriminação. Assim, escola deixa de ser um espaço “incrível” e passa a ser um local de constantes tensões. Permitir-se ser visto pelos outros era correr o risco de virar alvo de ofensas. Foi a partir disso que Daniel encontrou a biblioteca como um refúgio longe da perseguição que sofria.

Nossa conversa sobre essa fase escolar é desafiada pelo esforço de Daniel por lembranças. Ele relata um “bloqueio de memória” para suas experiências naquela fase. Perguntamos sobre amizades e grupos e ele responde: “Eu não lembro se eu tinha. Se eu tivesse amizade, também era uma das pessoas que também sofria um *bullying*”. Nossa conversa, mesmo com esforço para reconstruir certos percursos, ficou limitada a relatos que Daniel se mantinha impreciso sobre detalhes, mas muito seguro que aquele período foi ruim.

O *bullying* sofrido por Daniel, embora pareça uma experiência individual e isolada, não o é. Trata-se de algo muito comum na vida de sujeitos LGBTQIAPN+ (Andrade, Godinho e Soares, 2025). São práticas de violência naturalizadas que, historicamente, tentam reafirmar hierarquias sexuais e condenar a homossexualidade, como feito pela Igreja Católica desde os anos 1980 (Junqueira, 2018).

Assim, no contexto de vida de Daniel, o debate acerca da violência que ele vivenciava adentra ao campo político, mas não para combatê-la e sim para minimizá-la. O pensamento conservador que sustenta a cruzada antigênero apoia-se na ideia de “família natural”, do casamento entre homem e mulher. Logo, “o comportamento homossexual, uma ameaça à vida e ao bem-estar, não pode gerar direitos” (Junqueira, 2018, p. 480).

Na mesma época em que Daniel sofria ataques homofóbicos em sua escola, acontecia o lançamento de um Programa Federal em 2011, no mandato da Presidenta Dilma Rousseff, chamado de Escola Sem Homofobia. O projeto tinha como objetivo promover a cidadania LGBT nas escolas e combater, diretamente, as práticas pelas quais Daniel sofria — o *bullying*. Esse projeto estava definido dentro do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

A educação sexual e a temática LGBT se tornaram o centro de uma intensa disputa de narrativa e de pânico nacional devido às práticas de desinformação. O Projeto Escola Sem Homofobia foi alvo de manipulação da extrema-direita que culminou com a difusão das notícias falsas que relacionavam o projeto como um incentivo à homossexualidade, com o material que ficou conhecido, pejorativamente, como “Kit Gay” e utilizado como estratégia de promoção de pânico moral (Junqueira, 2018).

O grupo político contrário ao Governo Federal se utilizou desse projeto como “munição” contra a gestão da Presidenta Dilma. O movimento antigênero a utilizou como estratégia política ao rotular a sexualidade e as identidades dissidentes como “totalitárias” ou “antissociais” (Junqueira, 2018).

No âmbito da educação, alvo considerado prioritário, o ativismo antigênero buscou entrar propostas inclusivas, acusando as escolas de serem uma “ameaça à liberdade de expressão, crença e consciência” das famílias (Junqueira, 2018, p. 453). O discurso antigênero acusava os professores de programar ações em prol da disseminação daquilo que ficou conhecido como “ideologia de gênero”. O pânico era ampliado com discursos políticos moralistas, religiosos e conservadores acusando o Governo de tentar “usurpar dos pais o protagonismo na educação moral e sexual dos filhos” (Junqueira, 2018, p.453), e assim doutriná-los.

Enquanto no cenário político a discussão ocorria distorcendo a pauta de gênero, na escola, Daniel mantinha-se com seus direitos negados e sob maiores riscos. Nesse período, com o alardeamento do falso “Kit Gay”, a narrativa política reacionária inverteu o papel de sujeitos LGBTQIAPN+. Assim, pessoas como Daniel deixavam de ser as vítimas da opressão e da moralidade para ser considerados como agressores dos bons costumes e uma ameaça à ideia de “família tradicional”.

Em 2013, aos 11 anos, Daniel mudou de escola pela segunda vez. Foi nesse período que conseguiu se reestabelecer em novos grupos de amizade e reconstruir seus vínculos sociais. Para ele, embora o *bullying* ainda estivesse presente naquele ambiente escolar, houve também a possibilidade de experiências mais positivas, como relata: “eu acho que eu consegui fazer amizade com pessoas que eram mais iguais a mim, também com pessoas diferentes, né? Que eu considerava, assim, como amigos de verdade. Acho que minhas primeiras amizades de verdade foram nessa terceira escola”.

Daniel recorda que essas amizades só começaram a se fortalecer a partir do ensino médio, isto é, cerca de quatro anos após sua chegada à terceira escola. Com essa nova etapa vieram não apenas vínculos mais sólidos, mas também a possibilidade de ressignificar o próprio ambiente escolar. Ao integrar-se a um grupo de amigos com os quais podia compartilhar experiências, inquietações e temas que até então permaneciam silenciados, Daniel passou a vivenciar a escola como um espaço menos hostil e mais propício à construção de sua identidade e de sua autonomia.

A relação de Daniel com esse pequeno grupo de amigos o ajudou a desenvolver uma consciência mais ampla acerca de problemáticas que extrapolavam aquelas que o afetavam

diretamente. Foi a partir dessas amizades que passou a se questionar sobre os entraves e as desigualdades vivenciadas por diferentes sujeitos em razão da raça, da classe social e do gênero, ampliando, assim, sua compreensão crítica das dinâmicas sociais e das múltiplas formas de opressão que atravessam a sociedade.

Nessa fase da trajetória de Daniel, chama-nos a atenção o fato de que, diante da nova escola, mesmo com a presença insistente do *bullying*, ele a percebesse como um espaço que lhe proporcionou uma “experiência feliz”. Tal percepção se deve, sobretudo, à construção de “amizades de verdade”, em um grupo coeso, unido por interesses comuns, incluindo conversas sobre vida sexual e inquietações em relação ao período pós-escola. Daniel, depois de muitos anos na escola, passou a ter direito de criar laços de amizade e poder compartilhar dores e aflições. É nessa etapa de vida que Daniel começou a se aceitar como homem gay, embora não verbalizasse sobre sua sexualidade abertamente.

Nesse período, correspondente ao ensino médio, Daniel continuava sendo um assíduo frequentador da biblioteca. Durante as aulas de Educação Física, relatava: “os meninos iam jogar futebol, eu não gostava de jogar futebol. As meninas iam jogar vôlei, peteca... eu não ia ficar com as meninas, né? (risadas). Então, eu gostava de ir para a biblioteca”. Ainda que já tivesse constituído um círculo de amizades, situações que exigiam maior entrosamento ou envolviam dinâmicas marcadas por expectativas de gênero pareciam, de algum modo, ser evitadas. A biblioteca, nesse contexto, configurava-se como refúgio simbólico diante de interações que lhe causavam desconforto.

A falta de afinidade com os esportes e a sensação de não pertencimento aos grupos de meninas e de meninos levavam Daniel a buscar outras formas de permanência na escola. Ele também recorda que a biblioteca era sua escolha sempre que algum professor faltava, tornando sua ida a esse espaço algo recorrente. A preferência por permanecer entre livros, em vez de ocupar espaços de socialização, parece configurar-se como uma estratégia de autoproteção, uma forma de reduzir a exposição e o risco de se tornar alvo de violências e constrangimentos. Nesse sentido, a biblioteca assumiu não apenas uma função de estudos, mas também um papel simbólico de abrigo e segurança.

Nessa fase, embora Daniel demonstre ter feito amizades e ter caminhado para uma aceitação interna, é possível perceber que sua escolha por estar na biblioteca, isolado dos demais, corresponde à escalada do discurso antigênero. O uso do medo para deslegitimar a pluralidade e garantir a naturalização da ordem sexual tradicional pressionava a todos os indivíduos. Partindo disso, Daniel parece sentir que não tinha direito àquele lugar.

Ao final de sua trajetória escolar, em 2018, Daniel, então com 16 anos, vivenciou uma ruptura em relação aos valores tradicionais de sua família. Criado em um contexto católico, passou a questionar a instituição religiosa, especialmente diante de narrativas que percebia como “conservadoras”. Em razão disso, decidiu afastar-se da Igreja. Esse movimento ocorreu concomitantemente à campanha presidencial de 2018, que culminou com a vitória de Jair Bolsonaro à Presidência da República, contexto marcado pela intensificação de discursos conservadores no debate público brasileiro.

A decisão de romper com a Igreja Católica constituiu, para Daniel, um posicionamento político. Nesse momento, evidencia-se a afirmação de uma postura autônoma de pensamento diante do cenário sociopolítico e também no interior de sua própria família. Ao final de 2019, aos 17 anos, Daniel concluiu o ensino médio e ingressou no ensino superior. Nessa transição para uma nova etapa da vida, carregava consigo um percurso marcado por traumas e superações, experiências que passaram a sustentar e fortalecer a construção de sua identidade.

3. Universidade: fortalecimento da identidade de Daniel

Com a conclusão do ensino médio, Daniel ingressou, em 2020, no curso de Ciências Sociais em uma universidade pública localizada a 60 km de sua cidade. Durante quatro anos e meio, percorreu diariamente cerca de 120 km, movido pelo propósito de estudar política e aprofundar sua formação intelectual. Estar naquele espaço não era apenas uma escolha circunstancial, mas uma decisão convicta: para ele, frequentar a universidade constituía uma obrigação consigo mesmo.

Sua chegada à universidade lhe ofereceu um desafio logo de início. “Eu achava que não estava preparado ainda para faculdade, apesar de ser um aluno muito bom. Eu achava que eu deveria pelo menos ficar estudando mais um ano para depois entrar na universidade”. Duvidar da capacidade intelectual no início do ensino superior se apresentava como algo recorrente no discurso de Daniel: “[...] eu sentia que... eu ainda não tinha o nível. Eu acho que a escola, e mesmo estudando muito fora da escola, eu sentia ainda que eu deveria saber mais coisas para entrar na universidade. Eu sentia que faltava muita coisa para estudar ainda”.

Nosso diálogo com Daniel sobre o período escolar aponta para um jovem dedicado aos estudos e à leitura. Em certos momentos de nossa conversa, ficou claro que ele alcançava bons resultados e era admirado pelos professores, que o reconheciam como um estudante

aplicado. Mesmo assim, Daniel, ao entrar no ensino superior, não tinha plena confiança sobre sua capacidade e conhecimento.

A universidade, embora representasse um espaço profundamente desejado, configurava-se também como um território novo e desconhecido. As lembranças que Daniel carregava de experiências anteriores de mudança, especialmente de sua chegada à segunda escola, marcada por sofrimento, faziam com que suas expectativas fossem atravessadas por dúvidas e apreensões quanto ao que encontraria nesse novo ambiente. Ainda que estivesse seguro quanto àquilo que desejava estudar, a política, o medo o acompanhava, revelando como experiências passadas de violência e exclusão continuavam a produzir efeitos em suas disposições subjetivas diante de novos contextos sociais.

Viver a universidade não se constituiu apenas como um percurso de aprofundamento intelectual; significou, sobretudo, experienciar a intensa guerra cultural que atravessava o Brasil naquele período, sob o governo de um projeto político ultraconservador que institucionalizou determinadas ofensivas morais como ação governamental. Os quatro anos do governo de Jair Bolsonaro foram marcados pela consolidação da política antigênero no país. Nesse contexto, as instituições de ensino tornaram-se alvos recorrentes de discursos ultraconservadores que denunciavam a suposta promoção da “ideologia de gênero” e reacendiam o debate em torno do movimento Escola Sem Partido, acirrando disputas no campo educacional e cultural.

No entanto, mesmo diante de um contexto desfavorável, a experiência de Daniel na graduação em Ciências Sociais foi marcada fortemente pela diversidade e abertura ao diálogo - elementos que contrastam diretamente com a retórica do pânico moral promovida pelos conservadores antigênero. Daniel descreveu a universidade como um ambiente “muito privilegiado” e “aberto”, onde discussões sobre política, gênero e raça ocorriam com uma “naturalidade muito grande”.

Daniel recorda que logo no início do curso os alunos conversavam sobre sexualidade: “A maioria da sala era LGBT, e teve muitas pessoas que falavam abertamente da sexualidade. Eu lembro que, no primeiro dia de aula, a gente sentou na porta da sala esperando o professor e todo mundo fez uma rodadinha falando da sexualidade [...]”. Daniel percebeu que não era o único homem gay naquele espaço e, sobretudo, que ali era um lugar de diversidade; não apenas sexual, mas um ambiente marcado por diversos atravessamentos sociais.

Possivelmente, esse ambiente diverso era reflexo da mudança promovida pela Lei de Cotas nas universidades públicas, em 2012. As universidades passavam a destinar vagas

exclusivas para alunos de escolas públicas como forma de reconhecer as discrepâncias educacionais e garantir oportunidades de ingresso aos jovens.

Foi nesse espaço que Daniel pôde, finalmente, trocar experiências a partir de sua identidade e conquistar maior segurança em afirmar-se como homem gay. A vivência universitária, para além da formação acadêmica, constituiu-se também como um ambiente de reconhecimento e partilha. Durante nossa conversa sobre essa fase, Daniel trouxe à tona uma questão que atravessa a vida da maioria das pessoas LGBTQIAPN+ quando tomam consciência de uma sexualidade dissidente: a aceitação familiar. Ele relata que já percebia estar chegando ao limite da situação que envolvia ocultar sua sexualidade da família: “Eu não consigo mais esconder isso. Isso está transbordando e eu preciso falar”.

Foi com o suporte conquistado com seus amigos no ambiente universitário que Daniel, finalmente, encontrou coragem para dizer: “eu sou homem gay”. Para ele, “[...] conseguir falar isso para outras pessoas, eu acho que isso é uma virada na minha identidade”. Daniel estava em busca do direito que sempre foi negado e parece não abrir mão dele: “Eu acho que a universidade te traz independência. Se os meus pais não aceitarem, eu acho que eu consigo tocar a minha vida”.

Daniel parece ter alcançado um grau de maturidade e segurança que o direcionava para viver aquilo que por muito tempo precisou esconder. Ele havia, finalmente, recuperado a percepção de que possuía direitos que deveriam ser respeitados. Dois pontos importantes são relatados por Daniel que apontam para isso: a conversa com a família e a troca de afetos com um outro garoto.

A conversa com seus pais sobre sua sexualidade ocorreu durante a graduação. Daniel relata que temia uma reação negativa, mas afirmava estar preparado para assumir as possíveis consequências, ainda que fossem adversas. Para muitos sujeitos LGBTQIAPN+, tais consequências podem significar expulsão de casa, abandono afetivo, retirada de suporte financeiro, entre outras formas de violência (Andrade, Godinho e Soares, 2025). No entanto, diferentemente de muitas trajetórias marcadas por rupturas familiares, Daniel foi acolhido por sua família. Esse acolhimento representou um ponto de inflexão em sua experiência, fortalecendo sua segurança emocional e contribuindo para que pudesse vivenciar sua identidade com maior liberdade e dignidade.

A segurança de Daniel diante de sua sexualidade também tem relação com sua abertura para o afeto. “Eu acho que a primeira vez que eu andei de mãos dadas com o boyzinho foi na universidade [...] eu acho que na rua não teria coragem, mas na universidade eu sentia confortável para fazer isso”. A ressalva sobre a rua é uma preocupação e um risco

real das pessoas LGBTQIAPN+, mas, mesmo assim, o seu ato público de troca de afeto é corajoso e político. Ele sabe que aquilo, dentro do contexto político que o país vivia, poderia transformá-lo, facilmente, em alvo de violência.

Longe da implicação direta da ofensiva antigênero que recaia, principalmente, sobre as escolas, a Universidade era o espaço do pensamento livre e, em certa medida, seguro. Na sala de aula, com a presença majoritária de colegas LGBT, ele se afirmou enquanto sujeito e pode explorar novos caminhos.

4. Universidade: formação do pesquisador comprometido

Com a sua chegada à universidade, uma nova página se abre na história de vida de Daniel. Para além do fortalecimento em nível identitário, ele teve um sólido desenvolvimento nos âmbitos social e intelectual.

A partir da vivência e do aprendizado no curso de Ciências Sociais, Daniel percebeu que estava no lugar certo. Sua afinidade com o conhecimento proposto pela área aumentava, o que lhe permitiu uma nova “forma de enxergar o mundo” e “mudou completamente a minha vida”.

Fez parte da marca desse percurso o vínculo, já no segundo semestre do curso, com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). “Olha, desde o segundo período eu participo de Iniciação Científica, e isso me ajudou muito na minha carreira acadêmica. Fazer iniciação científica, fazer pesquisa, tabular dados, ler literatura [...] minha graduação foram quatro anos e meio, e desde o segundo período eu fiz Iniciação Científica”.

Além do PIBIC, Daniel também se vinculou a um núcleo de pesquisa com foco na questão feminina na sociedade. Na chegada ao núcleo, ele foi levado a refletir sobre seu próprio “lugar no mundo” e a perceber seus privilégios como homem branco, mesmo sendo homossexual. A dedicação à temática de gênero coloca a trajetória acadêmica de Daniel em confronto direto ao projeto antigênero, que veio se constituindo desde pouco antes do seu nascimento. “Aí hoje eu estudo principalmente gênero e raça, os assuntos que me interessam. Principalmente por conta desse grupo de pesquisa que eu participei”.

Estando vinculado ao PIBIC e ao núcleo de pesquisa, Daniel passa a integrar projetos de pesquisa na universidade. No segundo ano da graduação, em 2021, ele se vincula ao projeto destinado a analisar a produção científica e na participação das mulheres em cargos de gestão em uma instituição de ensino superior. Nesse mesmo período, integra outro projeto com foco no enfrentamento ao racismo estrutural enfrentado por mulheres negras. No ano de 2023, se vinculou ao projeto de pesquisa que discute a trajetória de mulheres.

Os resultados dessas atividades de pesquisa são materializados em artigos publicados e trabalhos apresentados em congressos científicos durante toda a sua graduação. O viés de investigação de Daniel é pela interseccionalidade entre raça e gênero. Essa experiência lhe permitiu aprender a prática da pesquisa científica e consolidou o seu perfil de pesquisador social.

Daniel chega à universidade trazendo experiências práticas de estratégias e táticas de sobrevivência de um sujeito LGBTQIAPN+. Nesse momento, ele passa a perceber que o campo de disputa também é no campo das narrativas e na esfera intelectual. Estar na universidade se torna, por essa razão, uma ocupação de espaço e de luta engajada politicamente para transformar a sociedade em um lugar mais justo.

A formação voltada à investigação despertou interesse também pela docência e, embora Daniel estivesse em um curso de bacharelado, ele se cadastrou para ser voluntário em um projeto de extensão que oferecia aulas gratuitas para alunos de baixa renda. Foi com essa experiência que Daniel, logo que concluiu o curso de bacharelado, em 2024, iniciou uma segunda graduação com objetivo de se habilitar à docência.

Movido pelo desejo de ampliar sua área de atuação, ao concluir o curso de Ciências Sociais, Daniel retornou à universidade para iniciar uma segunda graduação. A experiência, contudo, foi breve, pois, no início de 2025, ingressou no curso de mestrado, na cidade de Belo Horizonte, dando continuidade à sua trajetória acadêmica. Ainda assim, sua vivência no novo curso o levou a refletir que o ambiente universitário não está imune ao conservadorismo nem à polarização ideológica. Segundo sua percepção, tratava-se de um espaço marcado pela presença de um público “muito conservador”, que incitava outros estudantes por meio de argumentos antidemocráticos. Como relata: “Vamos denunciar esse professor porque ele está falando sobre tal aspecto. É um professor marxista”. Esse episódio reforça a compreensão de que as disputas políticas e morais que atravessam a sociedade também se manifestam no interior das instituições de ensino superior.

Em se tratando da retórica do movimento antigênero, uma das manifestações mais claras recaiu sobre o contexto acadêmico com a tentativa de ataque à liberdade de cátedra de

um professor. Ou seja, mesmo com o fracasso da eleição de Bolsonaro em 2022, e o retorno de um governo de esquerda, o movimento não se atenuou.

É um discurso que ainda permanece forte no imaginário social, principalmente entre os jovens que tiveram a sua mentalidade política formada no contexto destas disputas. Este é um ponto crucial que liga a experiência de Daniel aos aspectos contextuais: a invenção da “ideologia de gênero”. O discurso antigênero frequentemente rotula professores e intelectuais que abordam gênero e sexualidade como promotores de “doutrinação neototalitária, de raiz marxista, atea” (Junqueira, 2018, p.462).

Ao rotular os professores como “marxistas”, os estudantes conservadores ecoavam uma tática central da ofensiva. O discurso antigênero apresenta a “ideologia de gênero” como uma “nova ideologia de esquerda, criada nas cinzas do comunismo” (Paternotte e Kuhar, 2018, p. 510). Tais campanhas utilizam rótulos políticos e *slogans* para criar a ilusão de um inimigo comum, único e organizado, a ser demonizado.

A história de vida de Daniel é profundamente atravessada pelo seu interesse na política. Sua trajetória revela um percurso marcado por crises que lhe exigiram, desde muito cedo, a capacidade de identificar atores, situações e espaços mais ou menos seguros para uma pessoa LGBTQIAPN+.

O medo da violência o impeliu a desenvolver uma atenção constante: em quem poderia confiar, onde poderia permanecer e como deveria se situar. Essa vigilância, longe de significar apenas retraimento, constituiu também um exercício de leitura crítica do mundo social. Sua habilidade de reconhecer narrativas contrárias às suas crenças e à sua própria existência lhe possibilitou assumir posicionamentos firmes, por vezes radicais, mas que se mostraram necessários para a preservação de sua dignidade, identidade e projeto de vida.

Assim, a universidade representou o local onde ele se engajou política e intelectualmente em temáticas de cunho social. No entanto, foi nesse mesmo espaço no qual percebeu que aquele ambiente também é permeado por disputas de narrativas conservadoras e antidemocráticas.

5. Vínculo Político e Educacional: o papel da Mãe de Daniel.

A trajetória de Daniel é marcada pela presença de atores fundamentais que ofereceram suporte ao longo de seu percurso. Durante nossa conversa, ele destacou a importância de seus pais em sua jornada, atribuindo um papel decisivo à sua mãe em sua formação e em suas

escolhas. Em razão dessa influência significativa, optamos por incluí-la neste trabalho, reconhecendo sua participação como elemento relevante na constituição da trajetória, dos valores e da identidade de Daniel.

Um traço que chama a atenção no relato de Daniel sobre sua família é que todos os membros de gênero masculino estudaram até o ensino técnico e, logo que o concluíram, dedicaram-se ao trabalho no ramo de comércio. No entanto, o caminho de formação educacional e profissional de Daniel parece ter sofrido forte influência materna. Cristine, codinome dado à mãe de Daniel, foi a primeira integrante da família a ingressar na universidade, após ela, somente sua única irmã seguiu os estudos no ensino superior.

Os percursos formativos de Daniel e Cristine são quase idênticos, pois ambos são bacharéis em Ciências Sociais, fizeram a segunda graduação em Licenciatura em Ciências Sociais, seguido de uma especialização. A distinção que ocorre nos percursos deles é que Daniel seguiu para o mestrado.

Nesse sentido, o debate sobre os vínculos políticos e educacionais com a mãe é crucial para compreender a dimensão da batalha ideológica na qual a trajetória de Daniel se insere. Cristine é professora da educação básica e do ensino médio nas escolas públicas do Estado de Minas Gerais e, ao longo da ofensiva antigênero no governo de Jair Bolsonaro, estava atuando como educadora. Sua ideologia política a colocava como alvo do ativismo antigênero.

A trajetória de Daniel foi profundamente influenciada pelo vínculo e pela admiração à sua mãe, a qual simboliza o sucesso educacional familiar. Por essa razão, a educação universitária era vista como uma “obrigação natural” para Daniel, um dever de honrar o sacrifício e superar os passos da mãe. Ele lembra das palavras dela: “Foi tão difícil para mim, e agora que está mais fácil, como ele não vai entrar também no ensino superior?”.

Essa influência se manifestou diretamente na escolha de Daniel pela graduação em Ciências Sociais, mas foi motivada, sobretudo, pelo seu desejo de estudar política. Seus pais são pessoas engajadas politicamente, filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Assim, a política era uma “questão fundamental” dentro de casa. Era o assunto de elo entre os membros familiares.

O percurso acadêmico de Daniel, focado em gênero e raça, e sua posterior vocação para o magistério, colocam ele e sua mãe no centro da cruzada antigênero. A mãe de Daniel, como professora de sociologia, representa a figura que o ativismo antigênero e o movimento

“Escola Sem Partido” buscam controlar. A cruzada antigênero, que é uma invenção de matriz católica, concentra seus esforços no campo da educação como uma área de atenção prioritária, buscando deslegitimar a escola como espaço de formação crítica, laica e pluralista.

Além disso, o discurso antigênero ataca currículos e a liberdade docente em nome do direito dos pais à “primazia na educação moral e sexual dos filhos”. Essa posição está em consonância com o Magistério da Santa Sé, que historicamente postula que a educação é um direito-dever dos pais, cabendo à escola uma atuação apenas subsidiária (Junqueira, 2018).

Para o grupo promotor da ofensiva, os professores que abordam gênero e sexualidade são rotulados como promotores de doutrinação. Daniel notou essa retórica conservadora dentro da própria universidade.

A carreira da mãe de Daniel, portanto, está diretamente ligada ao conhecimento e ao espaço que são atacados pela retórica antigênero. A mãe, pelo vínculo político em que se insere é o alvo da política antigênero e da Escola Sem Partido. Possivelmente, ao longo do seu cotidiano, as conversas familiares discutiam tais assuntos e Daniel os percebia como um desafio pessoal de defesa da família, mais especificamente, defesa de sua mãe.

Apesar do alinhamento político, Daniel reconhece as fronteiras entre o ambiente acadêmico aberto, onde a discussão sobre gênero, sexualidade e raça é “natural”, e o ambiente familiar, que “não tem essa abertura” para o aprofundamento desses temas. Assim, embora a mãe tenha fornecido a plataforma intelectual e a motivação para o ensino superior, a universidade foi o espaço de existência e verbalização de sua identidade gay, ultrapassando os limites de conforto e debate estabelecidos no núcleo familiar. Essa situação parece ficar mais clara quando Daniel aponta que, somente em 2023, aos 20 anos, teve coragem para conversar com a mãe sobre sua sexualidade.

6. Considerações finais

Daniel é um homem branco, vive uma situação financeira estável e podemos considerá-lo como pertencente a uma classe social emergente. Mora em casa própria, na

região central da cidade, e tem um núcleo familiar que tem vínculos políticos com ideais progressistas. Por esses motivos, é importante reforçar que, mesmo Daniel sendo um homem gay, sua trajetória de vida não pode, de forma alguma, servir como modelo generalizador e/ou homogeneizante dos demais homens gays, pois somos uma população diversa e desigual. Além de vivermos em um dos países que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ do mundo.

Dito isso, podemos seguir para outros aspectos que valem a pena serem destacados. Quando iniciamos essa entrevista biográfica pretendíamos apresentar a trajetória e registrar a memória do nosso interlocutor enquanto um homem gay. Tínhamos em mente que suas experiências haviam, em certa medida, influenciado na construção de sua identidade. Assim, previamente, esperávamos por relatos comuns à comunidade LGBTQIAPN+, tais como o *bullying*; a privação de afeto; o medo de violência fora de casa; a insegurança ao “sair do armário” para a família, entre outros. Essas expectativas se concretizaram.

No entanto, o que nos chamou atenção nessa trajetória foi o percurso que Daniel seguiu, de forma intencional ou não, para uma atuação política diante de uma causa por justiça para sujeitos marcados pela desigualdade racial e de gênero. Por esse motivo, estabelecemos uma linha contextual para não só mostrar a história de vida de Daniel, mas também para apontar como a vida dele esteve permeada por questões políticas, de gênero e raça.

Além disso, procuramos por elementos que nos permitissem chegar ao entendimento de como ele se constituiu como um pesquisador comprometido e subversivo. Para nos ajudar a entender esse importante aspecto da vida de Daniel, faremos algumas inserções teóricas a partir do sociólogo Orlando Fals Borda. Não é de nossa intenção reduzir a importância da história de vida de Daniel há pouco narrada. Isso seria contraditório à nossa filosofia enquanto pesquisadores e, principalmente, contraditório à nossa vida como homens gays. Queremos sim, ampliar a apresentação de Daniel e reforçar sua importância para nossa comunidade.

Fazendo um resgate histórico do conhecimento da sociologia na América Latina, para Orlando Fals Borda (1970), essa disciplina vivia no final do século XX em uma crise diante dos seus métodos e de seus interesses científicos. Ele defende que a ciência latino-americana deveria se debruçar sobre para categorias analíticas que estivessem vinculadas às demandas sociopolíticas dos países da região.

O autor afirma que “um desses novos campos para a sociologia seria, indubitavelmente, a da libertação [...]” (Fals Borda, 1970, p.23 – tradução nossa). O autor aponta que para a construção de um pensamento autônomo e próprio as ciências deveriam focar na sua libertação de práticas miméticas, não se trata de negá-la, mas como ele mesmo aponta de enriquecê-la.

Temáticas raciais e de gênero perpassam a história de Daniel e o envolvem naquilo que Fals Borda (1970, p.67) chama de “compromisso-ação”. Daniel, enquanto pesquisador, possui uma atitude interessada e explicitamente política diante das desigualdades raciais e de gênero no Brasil. O compromisso-ação é uma atitude pessoal do pesquisador para se manter engajado, não só para tomar consciência das realidades, mas para tentar transformar a sociedade a partir do seu conhecimento.

A estrutura de poder na sociedade está ligada a produção científica e nesse contexto, as questões direcionadas a quem se envolve com pesquisa com fins de fazer transformações reais na sociedade são: “Que tipo de conhecimento queremos e precisamos? Para quem se destina o conhecimento científico e quem se beneficiará dele?” (Fals Borda, 1994, p.93 – tradução nossa).

Ao contarmos a história de Daniel percebemos que sua trajetória perpassa a luta por sobreviver e a luta por valorização, reconhecimento de direitos e respeito, mas não só os seus. Daniel atua de forma política em suas pesquisas e a partir de sua vivência temas como raça e gênero ganharam relevância para o seu trabalho como pesquisador. Envolver-se em debates que coloquem em evidência a situação de raça e gênero dentro da ciência é decidir por seguir um caminho de “subversão” (Fals Borda, 1971, p.14) diante da “elite” (Fals Borda, 1971, p.35) brasileira.

Nesse sentido, percebemos que a trajetória de Daniel é uma história de um pesquisador comprometido dentro do grupo “antielite” (Fals Borda, 1971, p.35). Ou seja, Daniel se posiciona e age para que ideias contrárias àquelas do grupo dominante (a ala político engajado na política antigênero) não permaneçam como estão. Ele mobiliza seus recursos para questionar o poder estabelecido por essa elite.

As disputas desses dois grupos, podem ocorrer em diversos níveis. Segundo Fals Borda (1971) esses grupos são formados por pessoas com prestígio e poder. Alcançar prestígio, para o Autor, é possuir símbolos valorizados como conhecimento, educação, poder

político, religioso, dinheiro etc. (1971, p.36). Como dissemos, Daniel está em formação, sua posição é de pesquisador vinculado à núcleos de pesquisa dentro de programas de pós-graduação em universidades.

Sendo assim, encerramos esse trabalho apontando que o recorte que fizemos na entrevista com Daniel, deixou de fora diversos pontos que merecem ser explorados, mas que para o escopo desse registro de memória foi necessário fazer tais omissões. Nossa expectativa com a finalização desse trabalho é que nossos leitores percebam que as histórias pessoais são necessárias para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Todos nós somos sujeitos permeados por questões próprias, algumas delas socialmente estigmatizadas.

Foi no entrelaçamento da sexualidade, gênero, raça, classe social e política que se fundiu o foco de interesses de Daniel enquanto pesquisador e o permitiu chegar naquilo que ele chama de “meu lugar no mundo”. Por fim, nos perguntamos para onde vai Daniel? A resposta, fica a cargo de Orlando Fals Borda, “*lo dirá el futuro*”.

Referências

ANDRADE, Tales Gandi Veloso de; GODINHO, Mariana Timótea; SOARES, Ludmila de Paula. Juventude LGBTQIA+ e família: Entre o acolhimento e a rejeição. **COR LGBTQIA+**, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 106–122, 2025. DOI: 10.56579/cor.v1i9.1661. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/1661>. Acesso em: 18 abr. 2026.

CORRÊA, Sônia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 53, 2018.

FALS BORDA, Orlando. **Ciência Propria y Colonialismo intelectual**. Bogotá: Oveja Negra, 1970.

_____. **Las revoluciones inconclusas em américa latina (1809-1968)**. México: Siclo XXI, 1971.

_____. **El Problema de como investigar la realidad para transformarla por la praxis**. Colômbia: Tercer Mundo Editores, 1994.

GALINDO CÁCERES, Jesús. La Historia Oral y la Ingeniería Social. **In:** COVARRUBIAS CUÉLLAR, Karla Y.; CAMARENA OCAMPO, Mario (Coord.). **La Historia Oral y la Interdisciplinariedad: retos y perspectivas.** Colima: Universidad de Colima, 2011. p. 21-48

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**, [s. l.], v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.

PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. "Ideologia de gênero" em movimento. **Revista Psicologia Política**, [s. l.], v. 18, n. 43, p. 496-517, 2018.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. A "ideologia de gênero" na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, jul./set. 2015.

SANTOS, Yumi Garcia dos. A trajetória de uma artesã do sertão mineiro: uma análise biográfica. **In:** CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20., 2021. **Anais...** [s. l.]: SBS, 2021.